

O ANIVERSÁRIO

de Jane Tutikian



Toulouse Lautrec

Embora estivesse disposta a fugir de tudo e de todos naquele dia, mal tirou o pé de dentro do táxi e colocou-o no asfalto de Copacabana o celular tocou. Respirou fundo e apertou a bolsa contra o estômago. Atender ou não era sempre uma opção. Hoje, não! Laura disse a si mesma e, como que entendendo, o aparelho silenciou.

Talvez o melhor fosse caminhar, se caminhar fosse mesmo isto: um mudo arroubo de rebeldia e de liberdade. Como fora acontecer com ela? Até ontem era capaz de jurar que isso só acontecia com os outros! Quanta inconveniência! — pensou de cima da sua superioridade — que inconveniência! Mas. Logo endireitou as costas, levantou a cabeça e, com um raciocínio rápido, teve de ceder a si mesma. Aquilo era mais, muito mais do que simplesmente inconveniente. Era ultrajante. Uma ofensa, um golpe baixo da vida. Não que sentisse prazer em usar esta expressão, “golpe baixo da vida”, não sentia, mas porque a vida tem estas coisas, sim. Seus altos e

baixos, seus inesperados, consequências e inconsequências que terminam por vulgarizar tudo na vala comum da morte.

O telefone, de novo. De novo, Laura não atendeu. Não hoje. Hoje, devia ser apenas isto:

caminhar-na-calçada-em-Copacabana.

Por quê?

Porque, ao abrir os olhos para o quarto, ao ver as roupas de ontem jogadas em cima da esteira elétrica, ao perceber Frank e Aretha gateando a vida em olhos amarelos e sonolentos aos pés da cama, ao olhar para a cópia desbotada de uma *Diletante Profissional* de Toulouse Lautrec acima da cabeceira, ao se mirar no espelho de listras horizontais da porta do armário, que tornava o que já não era bom de ver ainda pior, e ao ouvir o vento barulhando nas venezianas um ar abafado, decidira. Simples assim, que, às vezes, gostava de coisas simples assim, decidira.

A mulher repartida e esparramada do espelho de listras precisava ligeiro perdoar alguém ou alguma coisa pelo que agora era. Perdoar, entretanto, não era fácil. Ana tinha perdoado o Deus, ela, não. O homem do Chico tinha perdoado por ter traído, ela, não. Nem o Deus nem qualquer seu homem traído ou traidor. Talvez fosse preciso um perdão ainda maior, pensou. Perdoar a vida? Que coisa mais abstrata! e a abstração é coisa bonita na cabeça de jovem. Não! Chega de abstrações, não há mais tempo! — pensou, enquanto a mão direita se mantinha pressionando a bolsa que pressionava o estômago e a esquerda se ergueu, delicadamente, num gesto de ave rara, e ela, delicadamente, se assustou.

Tempo não é abstrato messsssssssmooooooooo!

É que as mãos manchadas e enrugadas nunca tinham sido assim antes, não eram assim ontem! Podia jurar! Aquelas não eram as suas! E abraçou a bolsa para não ter de olhar de novo.

De repente, se deu conta de que aquilo de caminhar-na-calçada-em-Copacabana poderia estar se tornando tenso. Não era para ser. Era para ser leve, suave, como as pessoas vermelhas e marrons e de bermudas e biquínis coloridos e óculos espelhados que passavam *rayito de sol* no corpo, tomavam cerveja e caipira e riam e conversavam

e se beijavam e não faziam nada, do outro lado da rua, estendidas na areia, indiferentes aos estouros do mar e. Precisava se permitir algum prazer assim, pensou! e sorriu um sorriso quase malicioso.

Não era uma mulher feia, sabia que não era, mas. Também sabia que já não era, desde ontem, a mulher bonita que fora. Óbvio que não caberia dentro de um biquíni amarelo! Não que tivesse usado, algum dia, um biquíni amarelo, mas. Era o mais perto do sensual que poderia imaginar em outras mulheres.

Mas, de novo.

Pensou feliz de ter pensado num verdadeiro absurdo: e se entrasse num magazine e se pedisse um e se experimentasse e.

Não.

Tropeçou infeliz no estrondo da onda gelada do mar do outro lado da calçada. Fechou os olhos, fugindo de uma visão assustadora. Nada mais revelador do que iluminação de cabine de loja! Chega a ser um crime contra a humanidade feminina!, ruminou consigo mesma. Deve ser como os astronautas veem do infinito as covas da terra! Covas da terra! Adorava metáforas!

Definitivamente, a decadência física não é a infelicidade! Disse baixinho, resoluta, e no meio da calçada parou para pensar sobre isso.

Não?

Não devia ser, ponderou em pensamento, é para onde todos vão. Nada é mais natural do que o para onde todos vão! - e, por instantes, fez disso uma grande obviedade.

Não! de novo.

Nada deveria ser mais natural do que o para onde todos vão! É que, pensou, é que acontece tão depressa! Num dia, que poderia ser como qualquer outro dia, a gente acorda no quarto de sempre, sob a observação amarela e sonolenta do Frank e da Aretha como sempre e, quando se olha no espelho de listras da porta do armário de sempre, quase não se reconhece! Assim: num estalar de dedos. Assim: num sopro. Assim: . : ponto final.

A mulher que vinha distraída, olhando para o celular, distraída esbarrou em Laura.

— Desculpa, aí, tia! — Golpeada, Laura não esboçou qualquer reação. Não que não tivesse sentido o corpo da mulher empurrá-la. Não que não tivesse doído seu ombro. Não que não tivesse pensado em assalto. Mas. Tia? Tia de uma mulher que parecia beirar os 40 anos? Isto sim era mais do que poderia suportar. Isto era mais do que ofensa. Era... Era...Era... indizível, inaceitável, imperdoável. Era.

Laura se recompôs, ajeitou o vestido floreado, endireitou as costas, ombros para trás, cabeça erguida. Não deixaria que aquela, aquela, aquela sobrinha, pensou sorrindo, estragasse o seu dia:

caminhar-na-calçada-em-Copacabana.

Era uma escolha e a brisa batia nos cabelos vermelhos e no vestido godê, produzindo uma sensação boa de estar viva. Fechou os olhos por um instante, expôs o rosto ao sol, seduzida pela imensidão daquilo tudo: céu mar árvore gente cachorro o homem vendendo churros o pipoqueiro os camelôs os produtos na calçada mistura de músicas alegres restos de conversa dos passantes carros barulhentos bicicletas patins ondas fortes ondas altas estouros a bolsa tremendo a bolsa gemendo o celular não atender e.

Laura era uma mulher forte. Sabia que era! e se orgulhava disso. Sobrevivera a perdas que enlouqueceriam qualquer pessoa. Sobrevivera a ganhos que mudaram a forma dos outros a olharem, condenando-a à solidão. Sobrevivera só. Nascera e renascera todas as vezes em que tinha sido preciso. Tinha sido larva e borboleta para ser novamente larva e borboleta e.

Então? perguntou a si mesma quase com espanto. Então podia pensar em lucro? Então o lucro é também decidir caminhar-na-calçada-em-Copacabana, num dia assim iluminado, de Sol assim, de brisa assim? Então o lucro é, desde sempre, a vida? Mas. De que vale a vida sem uma grande paixão? De que vale o tempo que falta sem uma grande paixão?

À sua frente, uma senhora bem velha, de cabelos pretos e boca pintada de vermelho, sentada numa cadeira de praia na calçada de Copacabana, rezava, baixinho,

rezava o terço, enquanto os dedinhos curtos e gordos acarinhavam bolinha por bolinha de um rosário branco, decerto abençoado.

Era isso a vida-tempo-sem-uma-grande-paixão?

E o sentimento que não se confessa por puro medo de confessar? Duna de areia que o vento apenas leva apenas leva apenas leva lev le l.

O celular, de novo. O número era do escritório. Talvez seja importante atender, pensou, sabendo que, se atendesse o primeiro atenderia os outros todos. E foram muitos parabéns felicidades sexagenária hein festa saúde setenta chegando presentinho onde andas risadas muitas felicidades muitos anos de vida já estás esquecendo das coisas muitas velinhas vai pegar fogo no bolo que sejas sempre feliz. Laura riu a cada ligação. Amigo é para isto mesmo, afinal! Os filhos ligaram do exterior. Laura se emocionou a cada ligação. Família é para isto mesmo, afinal!

A moça veio buscar a senhora de cabelos pretos e boca vermelha, que o sol do meio dia já estava muito forte. Pegou nas duas mãos para que, com esforço, ela levantasse. Fechou a cadeira de praia e, devagarinho, foram as duas andando, de braços dados, andando para o edifício em frente.

Hora de voltar para casa, Laura pensou. Sabia que, quando abrisse a porta do apartamento, ninguém gritaria surpresa! nem cantaria parabéns a você. Mas. Frank Sinatra e Aretha Franklin viriam correndo, com seus olhos amarelos, e dançariam um balê de carinho em suas pernas quase que a impedindo de caminhar e ela riria. Sessenta. Setenta. Não importava mais muito. Trocaria, sim, o maldito espelho de listras da porta do guarda-roupa e. Sobretudo - respirou fundo o ar quente de Copacabana -sobretudo receberia em paz este pequeno milagre com que se configura a vida todos os dias.